

A LITERATURA COLONIAL DE INSPIRAÇÃO BOLAMENSE*

Inocência Mata**

RESUMO: O trabalho busca definir a literatura colonial de inspiração bolamense e, a partir de uma discussão semântica do tema "inspiração", considerará seu corpus, as obras literárias e o seu lugar fentextual, Bolama.

UNITERMOS: Guiné-Bissau. Poesia de Carlos Semedo. Nativismo colonial. Textos jornalísticos, textos literários. O Bolomense.

INTRODUÇÃO

Duas ordens de questões sugere esta proposta: uma prende-se com a conceituação de "literatura colonial" e, decorrente desta, talvez, a de "inspiração bolamense". A primeira é mais geral e refere-se a uma problemática que requer uma reformulação teórica, necessária não apenas para o estudo da literatura guineense mas das literaturas africanas, pelo menos as de língua portuguesa.

Detenhamo-nos, pois, por uma questão metodológica, na análise do *corpus* que estará na base das nossas reflexões.

Como entender a expressão "literatura de inspiração bolamense"?

Será de "inspiração bolamense" a poesia de Helder Proença porque o é o seu autor?

Equacionada nestes termos esta é, seguramente, uma falsa questão e a recorrência a uma expressão sinónima do sema nuclear – inspiração como "influência directa" – levar-nos-á ler essa poesia na sua dimensão supra-regional que inscreve a demiurgia de uma estética guineense. Assim, "influência directa" remete, à partida, para a finitude de um (sub)sistema gerado em contexto (apenas) bolamense.

Será, então, de inspiração bolamense o soneto elegíaco de contaminação ultra-romântica, "Desejo Mórbito"¹, de Maria Emília Archer porque escrito

(*) Comunicação apresentada no COLÓQUIO INTERNACIONAL "BOLAMA, CAMINHO LONGE", Bolama – Guiné-Bissau, 20-23 de novembro de 1990.

(**) Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

(1) In *(Novo) Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1919*.

em Bolama? Ou o romance *A Revolta* (1942)² de Fausto Duarte porque escrito em Bolama (ainda que o universo referenciado seja a esfabulação de um quadro histórico sobre o régulo fula de Gabu, Monjuro Embalô, da estirpe dos "grandes régulos oriundos da família Embalô-Cunda")?³ Ou *África Raiz*⁴, o longo poema de imanência telúrica e intenção etnografista sobre os mistérios da Vida africana, a inefabilidade da sua alma e os segredos da sua Natureza, porque dedicado "À terra de Bolama, em cujos braços repousa a Mãe" (da autora)?

As respostas a estas questões pressupõem uma metodologia de dimensão mais semântica do que nominativa e nem a substituição do sema inspiração pelos seus aparentes sinónimos "influência directa" ou "motivação" parece resolvê-las.

O primeiro convite que nos é feito é, conciliando as definições propostas por Manuel Ferreira de "literatura colonial" com a de "literatura de motivação africana"⁵, considerar o seu *corpus* como constituído por obras literárias (poema, crónica, conto, novela ou romance) cujo lugar fenotextual seja Bolama. Neste contexto, não nos repugna considerar de inspiração/motivação bolamense o poema "Crepúsculo à noite", de Belmiro Augusto Duarte, de *Sinfonia da Selva*⁶, descrição naturalista de sabor exótico sobre o anoitecer em Bolama; ou *O Veneno do sol*⁷, de Fernanda de Castro, um romance de inspiração bolamense na medida em que o universo ficcionado, não sendo Bolama em toda a sua dimensão humana (cultural, vivencial), o espaço físico é-o. O eixo espaço-temporal é, com efeito, europeu instalado em África, no caso Bolama – uma Bolama que as personagens pretendem uma verdadeira cidade capital de uma "província portuguesa". Por isso constitui um dos eixos da nossa parametrização o lugar fenotextual (e não necessariamente genotextual, que é sempre o lugar matricial). Na verdade, a subjacência ideológica⁸ de *O Veneno do Sol* releva de uma ultramarinidade a cuja

(2) *A Revolta* (romance), Livraria Latina Editora Porto, 1945. 2º Prémio do Concurso de Literatura Colonial (1942).

(3) *Idem*, p. 310.

(4) *África Raiz* (Poema), Setúbal, 1966 (com três desenhos originais de Elentério Sanches)

(5) *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (bibliografia), Edição do Instituto Português do Livro e da Leitura, Lisboa, s/d [1989].

(6) *Sinfonia da Selva*, Imprensa Universal, Aveiro, s/d [1938].

(7) *O Veneno do Sol* (romance), Tipografia da Empresa do Anuário comercial, 1928.

(8) Pensamos o conceito *Ideologia* não na sua acepção política ou como representação e expressão de um ideal de sociedade. O conceito é pensado, no contexto, na acepção de Claude Prévost, ou seja: como um sistema de valores morais, éticos, sociais, culturais e até metafísicos; de imagens e de representações de que uma comunidade se serve para interpretar o mundo que a rodeia e através do qual (o sistema) orienta a sua acção na História. Em suma: algo que funcione como um verdadeiro inconsciente. Cf. Claude Prévost, *Literatura, Política, Ideologia*, Col. Temas e Problemas, Lisboa, Moraes Editores, 1976, p. 172-174.

significância subjaz um princípio estruturante: a configuração da convergência "ultramarina" e da continuidade espacial lusa. *Selvagens e Civilizados*⁹, de Luís Ribas, participa do mesmo conjunto sógnico e revela o mesmo conteúdo semântico de motivação bolamense, apesar de o texto do romance apresentar três espaços: uma aldeia da Serra da Estrela (Portugal), o eixo Bissau-Bolama e novamente Bolama, onde a diegese atinge o seu clímax, afinal.

Indiscutivelmente de pulsão bolamense são, porém, a poesia de Carlos Smedo, pseudónimo literário de António José Jacob Leite de Magalhães (neto do coronel Leite de Magalhães) e os poemas publicados no *Bolamense*, de 1956 a 1959. A significação bolamense dessa poesia releva de um projecto regional com consequências estético-literárias.

A LITERATURA COLONIAL DE INSPIRAÇÃO BOLAMENSE

A poesia de Carlos Smedo

*Poemas*¹⁰, de Carlos Smedo, é, de facto, uma obra significativa no horizonte literário guineense também pela assunção de um ser (poético) guineense. Isso mesmo também lê o prefaciador J. Garcia de Carvalho quando afirma:

"Um poeta Guineense que pela primeira vez apresenta ao público um livro de poemas da sua autoria é caso inédito nesta Província".

Numa edição do jornal *Bolamense*, a poesia de *Poemas* sintetiza uma pulsão africana bolamense (e de Bissau), num constante querer regressar ao solo original através de uma imagética sinestésica que denuncia uma semântica telúrica e evocativa da terra africana: são os sentidos, em relação metonímica com a Emoção, que captam a beleza do espaço e a memorizam.

Atente-se no poema "Metrópole", último da série escrita em Portugal (Lisboa, 1962) que anuncia uma insatisfação:

Metrópole

Cores berrantes
apitos, milhares de pés.

(9) *Selvagens e Civilizados* (romance), Lamego, 1937.

(10) *Poemas* (Edição do Jornal Bolamense), Imprensa Nacional da Guiné, Bolama, 1963. Contém dezoito poemas, sendo oito escritos em Portugal, quatro em Bissau e seis em Bolama.

Velocidade, encontros.

Gritos, anúncios murais,
automóveis de muito luxo,
carroças de pobres vendilhões.

Burros, eléctricos, peixe,
hortaliça fresquinha,
auto-carros bufantes
Prédios altos, arranha-céus,
sol, fiérricos neons,
prostitutas, invertidos passantes...
Tudo passa à porta do café
onde vegeto

(e eu que gosto da solidão
das florestas virgens)

A escrita é fragmentária, a semântica é escatológica e o desejo de regressar às florestas virgens é ardente:

Ansiedade

Visto fato
de corte moderno
gravata condizente

A camisa
de fibra sintética
assenta impecavelmente

Sou pega
sombria
d'uma Europa
patética

Minha África distante...
A saudade faz-me louco
QUERO SER ESBORRACHADO
PELAS PATAS
D'UM ELEFANTE

(Bissau, 1962)

Bolama é, todavia, o espaço da catarse, em que o sujeito mergulha num universo de contaminação edénica:

A Bolama

Cingido pela sombra
do mangueiro
esqueci o mundo

Sentei o corpo
na relva,
olhando o mar

Um pescador
deitou
a rede

Três
canoas
cortaram
o horizonte

O sol esmorecia

Como soprado
pela brisa
ouvi um merengue
Adormeci...
(e eu que sentia o pesadelo
de viver)

(Bolama, 1963)

A poética do Bolamense¹¹

O discurso bolamense de Carlos Semedo é, porém, muito diferente da poética do *Bolamense*. E, como tentaremos demonstrar mais adiante, citamos a

(11) *O Bolamense* – Órgão de Propaganda Regional, de Cultura e de Turismo da Comissão Municipal de Bolama. Composto e impresso na Imprensa Nacional da Guiné-bolama. 1 número – 1 de Agosto/56.

inevitabilidade de uma vertente ideológica na perspetivação das literaturas dos países africanos.

O *Bolamense* inaugura um discurso revivalista de que é, tão somente, uma das realizações a poesia (e alguma crónica literária e conto). Aliás, esse projecto é realçado em contínuas crónicas das rubricas "Cartas da minha tabanca", da autoria de Luís de York. No 2º aniversário da sua fundação, a Redacção escrevia:

"Quando todos descreiam do futuro e das possibilidades da nossa terra, quando todos julgavam ver em Bolama uma cidade condenada à morte por inanição surgiu o *Bolamense* a gritar a sua fé nos destinos da velha capital da mais antiga província do Ultramar Português, a proclamar que ela não morreria, a afirmar a confiança no seu progresso. E hoje ela aí está, a Bolama velhinha cada vez mais remojada, e mais bela, afirmando-se princesa incontestada das terras da Guiné (...)"

"Ao serviço da Guiné" in *O Bolamense*, nº 25 – Set. 1958.

Esse espírito está também subjacente a um "Concurso de Literatura Popular", aberto à composição em "quadra popular, alusiva a Bolama, e a que será atribuído o prémio jornal *Bolamense* (nº 7 – Fev. 1967, p. 7). Os textos publicados nessa época respondiam a um programa regional, marcados por uma necessidade histórico-social, o que "a priori" não é demeritório quanto à qualidade literária dos mesmos. O que se pretendia então, era "fazer ressurgir essa Bolama resplandecente de outrora, hoje adormecida qual princesa dos contos de fadas"¹², como afirmava A. Gomes Pereira.

Embora o *Bolamense* tenha publicado também textos (poemas e crítica) de escritores famosos das literaturas portuguesa e brasileira como Teixeira da Mota e Mário Braga (no ensaio literário), Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes, Guerra Junqueiro, António Boto ou Olavo Bilac, ou ainda do caboverdiano, José Lopes, autor de *As Hesperitimas*, a verdade é que muitos escritores se revelaram na altura. Nomes como R. Niz, João Alves Soares, Jorge Elísio, Homero Rodrigues Pires, Ciloca (ou Siloca), João da Silva, Carlos Faria, Maria Morena, Bejija, Espínola de Mendonça, A. Vilela, Maria Augusta Ribeiro, entre alguns outros, ficarão ligados a um revivalismo literário que enformou uma estética peculiar no horizonte literário guineense.

(12) "Parabéns Bolama", de A. Gomes Pereira, in *Bolamense*, nº 2 – Set. 1956, p. 2.

O nativismo colonial

Apesar de a dimensão pragmática lhes ser secundária, a disposição ideológica dessa poesia tinha um fundo nativista ao aliar à comunicabilidade poética o conteúdo celebrativo. O poeta de Bolama – e não direi ainda bolamense – embora dimensionado na visão colonialista da "província" da Guiné, começa a perspetivar a sua região segundo uma linguagem celebrativa da sua beleza e das potencialidades da terra.

Uma das constantes da literatura produzida nesse período é a temática da terra, a sua fisionomia exterior e a natureza circundante. A natureza surge no esboço de uma poética não apenas porque ela é uma presença marcante, como se poderia supor, mas porque a alteridade dos sujeitos da enunciação se impõe à percepção de outros conteúdos (cultural e humano). E quanto essa percepção é ensaiada, o texto constrói metáforas e núcleos padronizantes que denunciam a ideologia que lhe subjaz. Tal é o exemplo do poema de R. Niz, "A Velha Lenda de Bolama"¹³ para celebrar a ilha de Bolama, em que o poeta recorre a todo um processo metafórico assente numa mitologia da Antiguidade Clássica.

Mesmo porque um dos arquétipos da colonialidade literária é a enunciação do tipo informativo. Essa informação advém de um "saber experiencial" (e não vivencial) que denuncia desde logo a exterioridade dos sujeitos de enunciação e poético.

A valorização da terra através da celebração da natureza bolamense faz com que a inspiração naturalista, que daí advém, proporcione, nas palavras de Sílvia Romero, estudioso da literatura brasileira, "uma efusão lírica na poesia (e um) colorido vivo da paisagem na pintura"¹⁴. "Sol-pôr", de Bejija¹⁵ (filha do administrador Gomes Pereira), "Guiné Sensual..."¹⁶ e "Guiné"¹⁷, de João Alves Soares ou a crónica de João da Silva, "Bolama de hoje"¹⁸ são disso exemplos:

"A pequena província da Guiné, com uma população de cerca de 500.000 habitantes possui um solo dos mais ricos e férteis que se conhecem. (...) Tudo é floração, fecundação e vida. (...) No conjunto maravilhoso e sonhador desta parte da África destaca-se e distingue-se a ilha de Bo-

(13) In *Bolamense*, nº 2 – Set. 1956 (são 20 quadras)

(14) *História da Literatura Brasileira*, Tomo I, 6ª edição, José Olímpio. R. J., 1960, p. 26.

(15) In *Bolamense*, nº 13 – Agosto de 1957

(16) In *Bolamense*, nº 13 – Agosto de 1957

(17) In *Bolamense*, nº 5 – Dezembro de 1956

(18) In *Bolamense*, nº 36 – Julho de 1959

lama, antiga capital fora do coração das florestas, de misticismo singular, cujo silêncio é quebrado pelos rumores da ligeira ondulação das suas águas límpidas e apeteçadas que vão espargir-se mansamente na areia fina e branca das suas praias, como que acariciando-a para a conformar de compungente mágoa sofrida. (p. 5)

Mas o cronista termina convidando todos os bolamenses a colaborarem para que os "frutos deliciosos num futuro próximo" possam ser os "mais saborosos e apeteçados" (p. 5).

Lê-se, por conseguinte, na tessitura dessas descrições que a sugestão de um sentimento de afeição à paisagem que poderá emanar do fascínio pelo natural está impregnada de uma intenção programática. Pode falar-se, assim, nestes textos, de um cunho celebrativo que resvala numa das faces do prisma do sentimento de simpatia e afeição à terra e pelo que é nativo, o nativismo, existindo, no entanto, uma conjugação das linhas estética e política (económica, social, cultural) programaticamente assumida, gerando nos interstícios do texto uma significação estético-ideológica, o *Nativismo Colonial*. Efectivamente, a intenção celebrativa da natureza, na sua *beleza* e na sua *riqueza* denuncia uma convivência do nativismo temático e pitoresco com a expressão encomiástica do poder colonial.

Todavia, não é apenas a natureza o elemento celebrado.

Se o Nativismo Colonial é gerado no sentimento de interesse e afeição à terra através de um olhar imperial sobre a região, o passado histórico torna-se também relevante.

Um dos vectores da enunciação dos textos literários (e não apenas destes, mas detenhamo-nos neles) é a expressão da *saudade* de um passado recente. A saudade não é, pois, aqui entendida como um "anseio de qualquer coisa apenas pressentida, gozada em imaginação"¹⁹ – um dos tópicos da literatura portuguesa – mas como lembrança dum bem ausente que se deseja reaver: as glórias da "velha rainha/dama". É Bolama amada, depois abandonada, que se quer revitalizada:

Apesar de velhinha há ainda no seu olhar lampejos faiscantes de vitalidade, esgares de fascinação, qualquer coisa que prende e que enfeitiça.

(...)

Nada teve poder para destruir o encontro da nossa velha dama, da que fora a jovem rainha e que, apesar de

(19) J.P.C. in *Dicionário de Literatura* 4, Liv. Figueirinha, Porto, 3ª ed., 1982. p. 1002.

tudo, mesmo destronada, mesmo abandonada, há-de continuar a ser rainha, a velha rainha BOLAMA.

F.B. Carapito, "Os Amantes da Velha Rainha" (conto)
in *O Bolamense*, nº 3 – Out/1956. p. 5

Não é uma saudade melancólica mas combativa, o que explica o título de alguns poemas de Jorge Elísio: "Revolta" (título de dois poemas), "A minha saudade", "Gritos ao Vento" e de muitos outros poetas como R. Niz ou João Alves Soares.

(...)

Pobre sombra desgarrada
doutro era em que vivi!

E ao ver-te assim, pagada,
à tal imagem igualada,
quase não te conheci...

"Sombra" in *O Bolamense*, nº 16, Nov/1957

Ou um madrigal de Carlos Faria:

Bolama – a cidade clássica²⁰

Bolama – cidade clássica, imperial pelos frutos; cidade do império; rainha destronada; gritando na vegetação lírica do seu corpo de ilha, a juventude da sua Beleza...

Bolama – longos horizontes de praia; coqueiros
guardando a imensidade; laranja verde – doce do pomar
fresco do seu corpo; Virgem frágil e antiga...

(...)

Padrão à Glória-de-Aviz – Bolama – capital Eterna,
morta pelo Progresso sem Fé.

(...)

Cidade do Passado a afirmar ao presente a gloriosa
obra da Raça.

Bolama, Agosto de 1959.

(20) In *Bolamense*, nº 37 – Agosto de 1959

A ruína cultural e física da cidade, os sujeitos (de enunciação e poéticos) assumem-nas individual e colectivamente e expressam-nas através de uma visão reivindicatória regionalista. O sentido revivalista plasma os textos, raiando, por vezes, o discurso ufanista mas sempre aliado a uma ideologia colonial – o *Ufanismo Colonial*.

Na verdade, essa reivindicação insere-se no contexto da expressão colonial. O 'corpus' do canto encomiástico labora numa rede dialógica que configura um tipo de intertextualidade entre vários discursos cuja significação releva de uma dimensão pragmática e programática da ideologia colonial na sua vertente apologética. Pode, então, ler-se esse "corpus" literário em semiose intertextual com a discursividade colonial na sua prática significante. Vejamos que não difere na sua "mensagem" os textos a seguir citados embora sendo actualização de discursos diferentes:

• "Literatura de idéias"

Texto jornalístico

"O *Bolamense* trabalhará em união e animoso de querer coadjuvar na tarefa dum "Portugal maior". Não serviremos interesses nem pessoas como coisas parciais. Serviremos, sim, Bolama, os Governadores da Província e toda a família guineense"

"Saudação" in *Bolamense*, nº 1 – Agosto 1956.

Crónica

"O português é dum modo geral, amante do mar

(...)

Os bolamenses, como bons portugueses, gostam do

mar

(...)

Para esta ilha a atracção do mar é um destino"

C. Alberto, "O Homem e o Mar" in *Bolamense*, nº 3 – Outubro 1956. p.3.

• Textos literários

Conto

"Aquele manhã de Maio decorria amena e o sol não abrasava como de costume(..)

As águas [de Bolama] num marulhar contínuo que nos embala cantam em surdida os Lusíadas lembrando que ali é oceano por onde passaram há séculos as velas Portuguesas arvorando a Cruz de Cristo".

F.B. Carapito, "Os Amantes da Velha Rainha" in *Bolamense*, nº 3 – Out. 1956 p.5

E os exemplos multiplicar-se-iam em "A Guiné em 1917"²¹, ou "O encontro da Guiné maravilhosa",²² de Maria Archer, em *Selvagens e Civilizados*, de Luis Ribas; em *O Veneno do Sol*, de Fernanda de Castro, para só citar alguns exemplos...

A literatura de "inspiração bolamense" requer, efectivamente "um estudo porque nos parece constituir um manancial importante para o reordenamento do percurso do sistema literário guineense, tendo sempre no horizonte de análise o discurso assumido ideológica e culturalmente como nacional guineense (não importa aqui juízos de valor sobre a qualidade literária do mesmo!). Importa, sim, ensaiar uma caracterização dos textos de inspiração bolamense", assinalando as diferenças com os outros textos e interpretando-as para lhes (re)conhecer o lugar e a sua contribuição.

Textos marcados por um projecto cultural – sobretudo os textos publicados no *Bolamense*, de facto núcleo congregador do canto encomiástico à velha cidade quando esta perdeu as prerrogativas de capital, nos anos 30 – esses textos requerem uma sistematização dos conteúdos, do ideológico, e dos signos estéticos, visando a significação textual e de todo o sistema.

Da literatura guineense, talvez já não faça sentido dizer-se que é escassa. O seu percurso e a sua feição podem, sim, ser diferentes. Cabe ao estudioso pesquisar essa diferença!

ABSTRACT: This work wants to define the colonial literature inspired by the island of Bolama; after a semantic discussion of the theme "inspiration", will be considered its "corpus", its literary works and its phenotextual place, Bolama.

(21) In *Caleidoscópio Africano*, Cadernos Coloniais/49

(22) *Ci Roteiro do Mundo Português*, 2ª ed. revista ampliada, SIT, Lisboa, 1950. Também *Terras onde se fala Português*, Liv. Editora da Casa dos Estudantes do Brasil, SP. 1957